

veja **Rio**

vejario.com.br
19 de junho de 2013



A repórter
Bruna Talarico:
nas águas turvas

Mergulho na sujeira

Descemos ao fundo da Baía de Guanabara e constatamos:
não dá mais tempo de despoluir o palco do iatismo na Rio 2016

Um pedaço de plástico boia na água marrom da Enseada de Botafogo: vergonha em um dos lugares mais bonitos do mundo

Tempo esgotado

Basta mergulhar nas águas turvas e ver o lixo espalhado pelo fundo do mar para constatar que será impossível entregar a Baía de Guanabara limpa até a Olimpíada

Bruna Talarico e Ernesto Neves



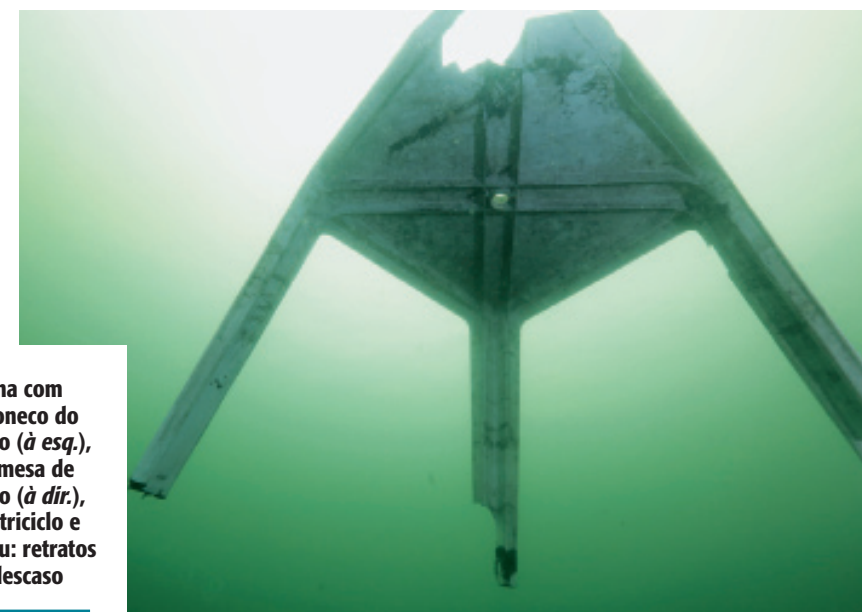
Mergulhar nas águas escuras da Baía de Guanabara dá medo, não há vergonha em admitir. A 6 metros de profundidade, bem em frente à mureta onde os clientes do Bar Urca bebem sua cervejinha, o silêncio só é cortado pelo som das bolhas da própria expiração e pelos murmúrios que denotam o nojo de tocar no fundo. O cenário iluminado por um refletor é apocalíptico: colinas de lama marrom, densa e gosmenta, se estendem em um relevo contínuo a perder de vista. Trata-se de matéria orgânica em putrefação, proveniente do contínuo despejo de lixo e esgoto nas águas. Sobre os morrinhos, está disposta toda sorte de objetos. Tênis, jarras, pneus, embalagens de plástico e de alumínio, preservativos, pincéis, tapetes, roupas, correntes e brinquedos, tudo facilmente identificável. Mas há também aqueles em decomposição, que se desfazem ao toque. Qualquer movimento mais abrupto é suficiente para que a matéria orgânica se desgarre da espessa camada de lodo e envolva tudo o que está ao redor em uma nuvem de partículas. Aí sim a situação fica realmente assustadora, e a visibilidade simplesmente deixa de existir na água imunda.

O panorama desolador constatado pelos repórteres de VEJA RIO é surpreendente para quem está acostumado a ver o belo cenário de fora, mas já é esperado por quem navega ali. Em maio, uma regata ecológica organizada pela Escola Naval na Marina da Glória comprovou o estado mais que crítico das águas. Em duas horas, os participantes recolheram nada menos que 220 quilos de lixo que flutuava na superfície, no mesmo local em que serão realizadas as provas de vela da Olimpíada de 2016. A podridão é tal que já fez soar o alerta vermelho entre os esportistas e os organizadores dos Jogos. No dossiê de candidatura do Rio a cidade-sede, os governos federal, estadual e municipal prometeram que tratariam cerca de 80% dos 18 000 litros de esgoto lançados por segundo na baía. Faltando três anos para o acendimento da pira olímpica, é consenso entre especialistas que esse índice não será alcançado. “Em áreas densamente povoadas no entorno, como Maré e São Gonçalo, não existe saneamento básico nem coleta de lixo”, diz Paulo Cesar Rosman, professor de engenharia oceânica da Coppe-UFRJ. “Organizar esse caos urbano em três anos é impossível”, constata.

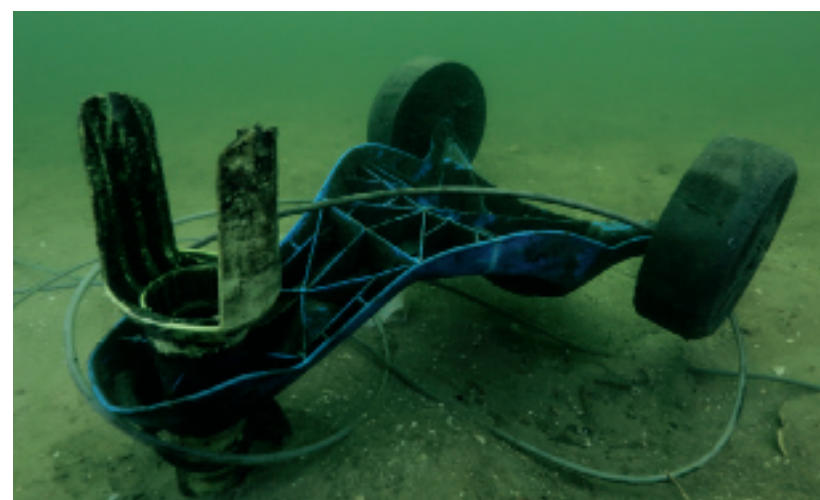
Na triste realidade da Guanabara, as estatísticas comprovam o que o olfato dos cariocas percebe de longe. Dois terços dos dejetos produzidos por mais de 10 milhões de pessoas são despejados ali sem nenhum tratamento. Como resultado, as 53 praias em seu perímetro são impróprias para o banho devido aos elevados índices de coliformes fecais. Em um dos pontos mais críticos, próximo à Ilha do Governador, 70% das amostras coletadas no último ano indicavam uma quantidade de fezes quase cinco vezes maior que a aceitável. Outro problema grave é o lixo. Cinquenta e cinco rios, córregos e canais fétidos que cortam os oito municípios do entorno transportam a cada dia aproximadamente 1 000 toneladas de detritos — um combinado que vai de embalagens descartáveis a sofás, eletrodomésticos e partes de automóveis. Além do inegável impacto ambiental, destroços e objetos flutuando na baía são particularmente perigosos para velejadores. “Com o



Bruna com um boneco do Patolino (à esq.), uma mesa de plástico (à dir.), tênis, triciclo e um pneu: retratos do descaso



FOTOS: RODRIGO THOMÉ/ZOLHARES.COM



O gosto amargo da baía

A repórter Bruna Talarico conheceu um cenário assustador sob as águas

Foram necessárias algumas dezenas de telefonemas para encontrar alguém disposto a fazer o que parecia inconcebível: servir de guia para um mergulho em uma das baías mais famosas do mundo. Os motivos para as negativas eram os mais diversos e variavam da forte correnteza, da sujeira da água aos perigos decorrentes do material submerso. Depois de contatarmos cinco empresas especializadas em manutenção de estruturas subaquáticas e de navios, conseguimos reunir o grupo que topou a missão. Sob o comando de Wellington

Vieira, a traineira Parcel deixou o píer da Marina da Glória, às 8 da manhã do último dia 4, rumo ao Canal do Cunha. A bordo, o fotógrafo Felipe O’Neill registrava os bastidores da excursão e o repórter Ernesto Neves conferia *in loco* os efeitos das obras e das intervenções para limpeza da baía. Ele notou, por exemplo, que a dragagem entre o continente e a Ilha do Fundão, apesar de já ter retirado 5 milhões de metros cúbicos de lodo, não foi suficiente para evitar que a embarcação atolasse seguidas vezes.

Rumamos para a Urca, onde as condições de visibilidade e o menor trânsito de barcos

permitiriam enxergar o fundo com a ajuda de refletores. Foi o momento de vestir a roupa de neoprene, calçar as nadadeiras, colocar os cilindros de oxigênio e os óculos de mergulho. O primeiro a entrar em contato com a água foi o fotógrafo Rodrigo Thomé, que já havia feito fotos com a câmera mergulhada na lâmina d’água do Canal do Cunha. Desci em seguida. O guia Roberto Bormann veio logo depois. Rapidamente deu para sentir a água fria e o verde-musgo atravessar o tecido emborrachado e molhar a pele — o neoprene não isola completamente o corpo do mergulhador. Seis metros

abaixo, pudemos observar e explorar, com as próprias mãos, a degradação sofrida pela natureza. Foram quarenta minutos submersos, divididos em dois pontos: a Urca e a Praia de Botafogo. Além do asco provocado pela quantidade impressionante de lixo, comecei a ficar aflita quando percebi que o respirador estava vazando uma pequena quantidade de água para a minha boca. Nesse momento, descobri que a Baía de Guanabara tem gosto amargo. Quando subi à superfície, outra cena escatológica: meu rosto e minhas orelhas tinham várias placas pretas gosmentas de sujeira. Foi nojento.”

barco a 50 quilômetros por hora, um pedaço de madeira pode provocar grave acidente”, afirma o iatista Ricardo Winički, que participou de quatro olimpíadas. “Jamais vi um local de competição poluído como aqui. Na Europa e nos Estados Unidos, as águas são tão translúcidas que é possível enxergar até o fundo”, compara.

As primeiras iniciativas para tentar limpar um de nossos mais espetaculares cartões-postais remontam à última década do século passado. Há 21 anos, o anúncio da faxina foi feito com pompa durante a Conferência de Meio Ambiente das Nações Unidas, a Eco 92. O controle sobre fábricas poluidoras aumentou, mas o projeto que consumiu mais de 1,5 bilhão de reais ao longo de seis governos fracassou vergonhosamente no que diz respeito ao controle do esgoto. Entre 1994 e 2006, ano de seu encerramento, foram construídas seis centrais de tratamento, que, no entanto, ainda hoje operam em padrões muito inferiores a sua capacidade. A rede de tubulações de 1.248 quilômetros que deveria ser implantada para transportar os resíduos até as estações foi deixada pela

O retrato da Guanabara

A baía que encantou navegadores europeus no século XVI sofre com o impacto da ocupação descontrolada e o lançamento de esgoto e todo tipo de lixo em suas águas

Um refúgio natural

Abastecida continuamente por correntes vindas do Oceano Atlântico, a baía é o centro de uma vasta bacia hidrográfica

380 km²
é a área total do espelho d'água

55 rios,
riachos e canais
deságuam nas margens

40 metros
é a profundidade máxima da baía

Os efeitos de anos de descaso

O crescimento populacional e a precariedade da rede de saneamento básico no Rio e nos municípios da Baixada Fluminense são a principal causa da poluição na baía

10 milhões
de habitantes é a população no entorno

216 milhões
de litros de esgoto são lançados diariamente

8 municípios
são banhados pela baía
(Rio, Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé, Guapimirim, Itaboraí, São Gonçalo e Niterói)

15 toneladas
de óleos de origem mineral são despejados todos os dias

PONTOS MAIS ASSOREADOS

PONTOS DE POLUIÇÃO CRÍTICA

TIPO DE RESÍDUO MAIS COMUM (por profundidade)

SUPERFÍCIE: óleo, isopor, plástico e lixo doméstico

CAMADA INTERMEDIÁRIA: ambiente onde se encontra vida marinha

FUNDO: pneus, tubos de imagem, restos de móveis e lodo

O programa de despoluição

Iniciado há duas décadas, o projeto segue em ritmo lento, com estações de tratamento de esgoto subutilizadas



ESTAÇÕES DE TRATAMENTO DE ESGOTO

São sete no total, a primeira delas inaugurada em 1969. Ao lado das estações, a data de abertura de cada uma e a capacidade utilizada atualmente, em percentual



ESTAÇÕES DE TRATAMENTO DE RIOS

São um paliativo para as dificuldades de tratar todo o esgoto despejado na baía e removerão os dejetos com aditivos químicos. Duas unidades antigas já estão em operação. Uma nova, no Rio Irajá, ficará pronta em novembro e, no fim do ano, será iniciada a construção das outras quatro



Existentes Em obras Previstas



ECOBARREIRAS

Alternativa à precária coleta domiciliar nas áreas pobres ao redor da baía. A rede atual de cinco diques ganhará outros dez até 2015



Existentes A ser instalada

A vida ainda resiste

Apesar de algumas espécies que existiam no passado terem desaparecido, entre elas a baleia jubarte e a lagosta, as águas ainda abrigam um rico ecossistema

PEIXES: corvina, robalo, badejo, parati, sardinha, tainha

AVES: atobá-marrom, biguá, garça-branca-grande

OUTROS: tartaruga-verde, caranguejo-uçá, mexilhão, microalgas, zooplâncton, fitoplâncton

MAMÍFEROS AQUÁTICOS: boto-cinza e golfinho-de-dentes-rugosos



BLAINE HARRINGTON III/ALAMY

**A Ópera
de Sydney,
na entrada da
baía da cidade:
despoluição
para abrigar os
Jogos Olímpicos
de 2000**

metade. Desde 2007, está em andamento um novo programa orçado em 1,3 bilhão de reais para terminar o que se abandonou pelo caminho. Mas o ritmo segue lento. Em Duque de Caxias, onde há três anos não existia rede de esgoto, apenas 2% do previsto foi efetivamente implantado. As dez ecobarreiras instaladas até hoje na bacia hidrográfica da baía retiraram em 2012 pouco mais de 4000 toneladas de lixo, o equivalente ao volume lançado pela população local em apenas quatro dias. “O passivo que encontramos é enorme, e estamos correndo contra o tempo para evitar um vexame internacional”, justifica o secretário estadual de Ambiente, Carlos Minc. Na atual velocidade, será muito difícil não passarmos vergonha.

Diante de tal cenário, começam a ser adotadas medidas paliativas que, embora tenham o objetivo de mitigar o problema, estão longe de ser uma solução eficaz. Como não há mais tempo para construir uma rede de saneamento abrangente, foi iniciada a implantação de cinco Unidades de Tratamento de Rios (UTRs), ao custo de 40 milhões de reais cada uma. As estações serão construídas na foz de canais poluídos e removerão até 80% da imundície orgânica da água com o uso de aditivos químicos. Dessa nova leva, a primeira, no Rio

Irajá, fica pronta em novembro e possui capacidade para tratar 1750 litros de efluentes por segundo. Pelos cálculos do governo, a unidade deve reduzir em 12% a

quantidade de esgoto que emporcalha a baía. Em São Paulo, a mesma técnica foi testada sem sucesso. Lá, o governo estadual injetou 160 milhões de reais para limpar o Rio Pinheiros, mas verificou que, mesmo após o processo, a água permanecia contaminada por outros tipos de poluente. “É uma solução transitória. No dia em que conseguirmos implantar o sistema de coleta, poderemos desativar as UTRs”, diz Gelson Serva, coordenador do programa de saneamento. Outro recurso emergencial que começa a ser utilizado até o fim do ano é uma frota com uma dezena de barcos que recolherão os detritos flutuantes. Serão os navios-lixeiros. Pois é. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), que, em visita ao Rio há quase oitenta anos, disse detestar a Baía de Guanabara, teria hoje razões bem concretas para repetir tal declaração.

É bem possível que, até a realização dos Jogos, a operação implantada de afogadilho consiga melhorar a situação periclitante de hoje. No entanto, a abordagem cosmética apenas reforça a frustração de deixar passar mais uma excelente oportunidade de atacar o problema,

que é a falta de saneamento básico no Grande Rio, pela raiz. Outras metrópoles se saíram bem ao combater a poluição de suas águas. Maior cidade australiana, Sydney é um caso emblemático de como aproveitar o embalo dos Jogos Olímpicos para se livrar da sujeira das águas de sua baía. Lá, o problema eram os resíduos químicos lançados durante várias décadas por empresas instaladas nos subúrbios e o lixo trazido pelo sistema de escoamento pluvial para a baía e a região do porto. Com um investimento de 1,6 bilhão de dólares, foi realizada durante quatro anos uma gigantesca operação de limpeza para retirada das camadas do solo contaminado do fundo do mar e construído um complexo sistema de reservatórios e estações de tratamento. Um ano antes da chegada dos atletas, os resultados já eram visíveis. É um cenário que dificilmente se verá aqui. “Para falar em recuperação, é preciso atacar o lançamento de esgoto e lixo. Não existe nenhuma possibilidade de mudança se isso não for feito”, afirma David Zee, oceanógrafo e professor da Uerj. O descaso torna-se ainda mais triste quando se leva em conta que há pontos onde a vida marinha resiste de forma comvente. Mesmo nas asquerosas dunas subaquáticas de lodo visitadas por VEJA RIO, é possível ver um ou outro peixinho nadando na sujeira. Um sinal de que nossa baía ainda pode voltar à vida. ■